

Um livro sobre livros: *O Cavalo a Tinta-da-China*, de Baptista-Bastos¹

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa)

Palavras-chave: Baptista-Bastos, *O Cavalo a Tinta-da-China*, metapoesia, salazarismo

Keywords: Baptista-Bastos, *O Cavalo a Tinta-da-China*, metapoetics, Salazarism

O ato de ler é sempre um jogo de perguntas e respostas, uma tarefa resultante da vasta pluralidade de caminhos oferecidos pelo texto literário. A palavra “texto” significa “tecido” e um tecido é a promiscuidade intrincada entre trama e teia. Assim, cada narrativa contém muitas linhas e fios que o leitor pode perseguir. É necessária uma busca atenta e paciente, página a página, já que raras vezes o sentido nos vem comer à mão. Os erros são inevitáveis: ocasionalmente, uma pista parece conduzir à Índia — e leva-nos à América; noutras a história emerge tão carregada de sentidos que exige mais da inteligência dedutiva do leitor.

A dificuldade de exegese aumenta quando se trata de uma obra reflexiva e filosófica como esta. *O Cavalo a Tinta-da-China*, de Armando Baptista-Bastos, não é um romance onde o leitor comum, estatístico, possa chapinhar. Exige braçadas fortes, um conhecimento dos seus baixios e recifes, na travessia de capa a capa. Este desafio é admitido pela personagem Reinaldo Ferreira:

Uma novela (...) deve surpreender, inquietar e tentar modificar o leitor. Ter estilo, exprimir um universo. E beneficiar de uma inocente presunção: a de transmitir ironia. Não escrevo para leitores-rãs, os que atravessam os livros sem engolir uma gota de água. Não convido os leitores a seguir-me. Desafio-os a entrar nos meus livros, nas minhas peças, a vestir a pele das personagens e, até, a reagir contra elas, a inverter os seus destinos (pág. 17).

Nas suas traves-mestras, *O Cavalo a Tinta-da-China* é um livro sobre os livros, ou por outras palavras, uma obra que analisa o ofício e o processo da escrita, na vertente ficcional, jornalística ou retórica. Efetivamente, ao longo de cerca de trezentas páginas, faz-se um completo e interessante trabalho de metapoesia.

Toda a obra se arquiteta com este propósito. O leitor começa por detetar que as principais personagens estão ligadas às letras, de uma forma ou de outra: o protagonista,

¹ Mancelos, João de. “Um livro sobre livros: *O Cavalo a Tinta-da-China*, de Baptista-Bastos”. *Jornal de letras, artes e ideias* 686 (29 jan. 1997): 25. ISSN: 0870-452X.

Francisco José Conde, trabalha como revisor no jornal monárquico e católico *A Voz* e, nas horas vagas, escreve pequenas novelas policiais; o deuteragonista, seu filho Manuel, herdou do pai o gosto e os papéis e tenta completar uma obra sobre Salazar, a partir de notas deixadas em linguados de jornal; por sua vez, Salazar escreve discursos, meditações e panegíricos, enquanto, o seu tenente, Horácio Assis Gonçalves, redige relatórios.

Porém, as referências ao universo das letras não se quedam por aqui. Muitas são as páginas que invocam e evocam uma constelação de prosadores, poetas ou jornalistas, da portugalidade ou do estrangeiro: Augusto de Castro, Júlio Dantas, Fernando Pessoa, o Repórter X, Fernando de Sousa, Émile Zola, Franco Nogueira, Vinicius de Moraes, Miguel Cervantes, Unamuno, Theodor Adorno, André Malraux, P. António Vieira, Eugénio de Andrade, Alexandre O'Neill, Verlaine, Henry James, Artur Portela, Manuel da Fonseca e um dos autores que Baptista-Bastos mais admira: Aquilino Ribeiro.

A todos estes escritores, Baptista-Bastos convida, ao redor do texto. A vários deles pede emprestadas ideias ou versos, que contesta ou absolve ou reafirma. Estas ligações cruzadas fazem parte da intertextualidade, são apeadeiros obrigatórios de um autor que parte em busca do mistério da escrita, colhendo testemunhos alheios e lembrando experiências próprias. E nem de outra forma poderia ser. O poeta Wallace Stevens afirmava: “Nada existe por si próprio”. Nesta linha, a obra de um criador é apenas uma peça do mosaico de influências que o precede — e será sempre somente um sedimento no corpo textual que irá motivar as gerações futuras. Tal como no conto alegórico “O Livro de Areia”, de Jorge Luis Borges, um texto nunca tem princípio nem fim, pelas relações que tece com os outros.

O Cavalo a Tinta-da-China alicerça-se numa série de princípios da teoria da literatura, focando sobretudo dois aspetos: por um lado, a relação entre texto e intertexto (como expliquei no parágrafo anterior); por outro, o tema da ficcionalidade. A propósito deste último, a “medias res” da minha leitura, deparei com uma cena que me trouxe uma possível porta de entrada para a profundidade da obra: duas personagens (Francisco José e Reinaldo Ferreira) discorrem sobre letras. Este aconselha: “Inventa tudo. Devemos inventar tudo porque a realidade é uma coisa que não existe. O que existe é a realidade da nossa imaginação” (pág. 20).

O excerto trouxe-me à lembrança uma resposta de Baptista-Bastos, numa entrevista: “para que a verdade se torne convincente, é necessário mentir”. Tomei nota à margem, e veio-me à ideia um verso do poeta T. S. Eliot: “o ser humano não pode suportar muita realidade”. Afinal, uma das funções da literatura pode ser afastar o leitor dos seus problemas do quotidiano, de o distrair. Com efeito, é mais agradável ser Alice do outro lado do espelho e rever-se na fantasia. O prazer de ler reside em entrar no jogo do fingimento — e lembro que o vocábulo “ficção” vem do radical latino “fingere” (fingir) que significa “imaginar”. Nesta linha, Baptista-

Bastos usa *O Cavalo a Tinta-da-China* como um móbil imaginário; um livro sobre Salazar, biográfico, ficcional; uma obra que nunca chega ao término e cuja autoria três escritores disputam: Francisco José Conde, seu filho Manuel e o próprio narrador. Em dado momento, a confirmar a vertente fantasiosa do romance, o narrador indaga-se: “A quem vou atribuir esta confissão? A Francisco José ou a Manuel? São frases que não foram escritas, num lugar que não existe, numa época que não aconteceu. Convívio com a ausência” (pág. 184).

Porém, o interesse de um livro não se circunscreve às horas de agrado que traz ao leitor. A ficção não se queda por propósitos de entretenimento: pode levar a hipotetizar e, por consequência, a refletir. Por isso mesmo, na sociedade totalitarista do *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro* do George Orwell, escrever é um ato reacionário que conduz à questionação, é uma “crime-ideia”. Ainda pela mesma razão, no filme de François Truffaut, *Fahrenheit 451*, toda a leitura de obras literárias é expressamente proibida e os volumes são carbonizados em piras que nos recordam que onde ardem livros, arderão homens. Ora, *O Cavalo a Tinta-da-China* é uma obra de intervenção “après la lettre” que tem por cenário o salazarismo. Neste romance, o “tempo dividido” da censura é evocado no conto ou parábola do jornalista cego e do aparador de jornais sem braços — uma história que, curiosa mas sintomaticamente, fica *incompleta*.

No entanto, nem só de imaginação vivem as letras. Lembro algumas palavras do meu ex-professor Hélder de Macedo: “a literatura faz-se de verdades e mentiras”. Esta é outra das pontas por onde se pode começar a desenhar *O Cavalo a Tinta-da-China*, já que perpassa por todo o romance uma promiscuidade entre facto e ficção. Baptista-Bastos tira naturais dividendos do seu saber quer como jornalista, quer como escritor. Apenas um passo da obra já o confirma: “Tenho 65 anos, sou escritor, escrevo um livro de asserções fingidas, sem sentir a necessidade de explicar muita coisa ou de atenuar as diferenças de regime narrativo entre a ficção pura e a História” (pág. 121).

De facto, em *O Cavalo a Tinta-da-China*, todos parecem escrever acerca de todos. Em dado momento, Francisco José redige algumas linhas íntimas sobre Assis Pacheco; que por sua vez escreve sobre Francisco José para dar informação a Salazar; que é descrito por Francisco José, cujo filho Manuel aproveitará para a sua própria biografia; a disputar com a do livro imaginário que Baptista-Bastos pretende empreender. Uma teia lógica: como as conhecidas bonecas tradicionais russas, uma personagem engloba outra, que por seu turno contém já uma anterior. Nesta última linha, e a propósito de seu pai, Manuel Conde deduz: “este opúsculo não é uma celebração do Salazar: é um desconcertante retrato do meu pai” (pág. 135). Ou ainda: “[Este livro é] uma história de solidão dividida em outras solidões” (pág. 143).

Muito do interesse de *O Cavalo a Tinta-da-China* passa por esta intromissão, às vezes quase “ex machina”, do autor no narrador e do narrador nas figuras: Baptista-Bastos interpela

as suas personagens sobre o desperdício das vidas e o significado das letras, senta-se com elas a uma mesa de café, rivaliza pela atenção do leitor. Assim, o estilo resulta deste paralelismo entre personagens com o mesmo nome; das continuações de tempos e contextos, a recordar a escrita automática; a mostrar que as linhas que nos dividem são também as que nos unem.

Aliás, as últimas páginas insinuem que todos poderíamos ser o outro: Baptista-Bastos seria Francisco José; Francisco José seria Salazar (ambos morrem até, na sequência do mesmo acidente, a queda de uma cadeira); Salazar poderia ser o próprio leitor. Quem é quem, quando se ficcionaliza? Existe um prolongamento do real nas credíveis vidas de papel. É, afinal, a teoria da relatividade literária: escrevemos sobre os outros para através deles nos conhecermos.

Um outro aspeto da escrita que o romance foca é a problemática da derrota do escritor: “O jornalismo é uma profissão de perdas.” (pág. 53), ou ainda: “O romance que pacientemente escrevo é, no fundo, como todos os meus livros anteriores, a exploração obstinada de uma imensa derrota: uma palavra, ao princípio, que envereda pelo caminho do inferno.” (pág. 66)

Mas a derrota é o destino sacrificial de todo e qualquer autor ou artista, desde Orfeu aos nossos dias. Dizem os dicionários que “sacrificar” provém de “sacrum fare”, isto é, “tornar sagrado”, o que implica que é necessária a dor do criador, para o cumprimento da criação. Cada obra é um ritual e uma travessia, uma ascese do escritor em busca do ideal de escrita, daquilo que James Joyce apelidou de “epifania” ou visão. O poeta sempre se quis vidente (Pessoa, Whitman, Rimbaud, Hart Crane, Eggar Allan Poe); porém, o teste da palavra sempre o puniu e cegou. Com efeito, há passos desta obra em que propositadamente se efetua o sacrifício do autor: os jornalistas morrem antes de concluírem as suas peças; o crítico de cinema ficará cego, o destino invertido dos visionários; o autor real transforma-se na personagem e esta desmembra-se, porque é feita de ficção.

Voltada a contracapa de *O Cavalo a Tinta-da-China*, é hora de concluir: este romance é belo e profundo; um exercício de estilo sobre um escritor de três faces que ergue e destrói e reconstrói o templo da memória. Aí reside o seu aconchego: viver dos reais mitos que gera (e recordo que, na Antiguidade Clássica, um dos significados do vocábulo “mythos” era precisamente “palavra”).

Porém, quanto ao tema, uma dúvida continuará a desafiar o leitor: Baptista-Bastos escreveu sobre Salazar ou acerca de si mesmo? Sobre o inimigo ou sobre o eu? Acerca do poder ou sobre o poder e limites da escrita? Novamente, surge a relatividade da literatura, pela qual as faces se tornam arestas; e o lado oposto, adjacência.